

## POLÍTICA ECONÔMICA

Após período eleitoral, Ministério do Planejamento reduz previsão de crescimento da produção brasileira de 4% para 3,2% este ano

# Governo reconhece PIB menor e corta despesas

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

**E**xatos 26 dias após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter sido reeleito em 2º turno, o governo admitiu ontem que a economia brasileira voltará a frustrar as expectativas este ano. Em relatório bimestral enviado ao Congresso, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão reduziu de 4% para 3,2% a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas no país — no início do ano, a estimativa era de 4,5%. Embora os analistas já falassem em uma expansão de no máximo 3%, o governo vinha reafirmando sua projeção de pelo menos 4%. O fiel escudeiro da estratégia foi o ministro da Fazenda, Guido Mantega. Ao reconhecer que o PIB crescerá R\$ 16 bilhões a menos, o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, cortou R\$ 486,2 milhões do orçamento previsto para este ano, mantendo o equilíbrio das contas públicas.

Pela primeira vez no ano, a previsão do Ministério do Planejamento fica abaixo das projeções feitas pelo Banco Central (BC) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que falam em uma expansão de 3,5% e 3,3%, respectivamente. Durante uma cerimônia ontem em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, o presidente Lula tentou minimizar a queda na previsão. "Estou cansado de previsão. Não podemos chorar o leite derramado, e sim preparar o país para que ele cresça no ano que vem o que não cresceu neste ano", afirmou.

Para Alex Agostini, economista-chefe da consultoria Austin Rating, já era esperado que o governo admitisse o fraco desempenho da economia em 2006. "Eles sustentaram o discurso antes da eleição, mas agora já não havia mais porque. Foi uma estratégia política, não uma análise econômica", afirmou. Segundo o analista, o maior problema de o país continuar crescendo abaixo da média mundial é se tornar pouco atrativo para investimentos. "O investidor estrangeiro

Carlos Moura/CB - 20/9/05



PAULO BERNARDO, MINISTRO DO PLANEJAMENTO: REDUÇÃO DE GASTOS PARA EQUILIBRAR AS CONTAS PÚBLICAS

olha para o país, para o histórico de crescimento, e se desanima com o que vê. Acaba migrando para outras economias", explicou.

Segundo Ministério do Planejamento, o PIB deve atingir este ano R\$ 2,071 trilhões. No entanto, na opinião do economista-chefe da Grau Gestão de Ativos, Pedro Paulo Bartolomei, o governo ainda continua sendo muito otimista. "Os 3,2% são um teto. Nossa previsão, por exemplo, é 2,8%", afirmou. Em nota, o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira

da Silva, também criticou o governo: "O esperado 'espetáculo do crescimento' está se revelando numa tragédia". O relatório do Planejamento também reduziu de 3,27% para 3,10% a previsão para a inflação este ano.

O corte de R\$ 486,2 milhões no Orçamento da União foi necessário porque a estimativa da receita primária líquida acabou reduzida em R\$ 709,4 milhões na comparação com o relatório anterior. As principais frustrações de receita se deram em Receitas de Concessões, contribuições da Cofins e do PIS/Pasep e CPME. Em relação às despesas, foram incorporados os impactos do reajuste de 15% concedido aos servidores do Legislativo e da adição de R\$ 159,4 milhões nos repasses do fundo constitucional destinado ao Distrito Federal. No total, os gastos obrigatórios subiram R\$ 327,5 milhões. O déficit da Previdência também teve sua previsão elevada em R\$ 543,9 milhões. Agora, pelos cálculos oficiais, o rombo deve atingir R\$ 42,1 bilhões.